

EDITORIAL

A Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), por meio do Grupo de Pesquisa (Geo)Grafias, Linguagens e Percursos Educativos (GLPE) promoveu entre os dias 26 e 26 de maio de 2017 o **IV Simpósio Nacional e III Internacional de Geografia, Literatura e Arte** que teve como tema central “**Geografias e Artistagens n/da Fronteira – o acontecer do mundo babélico**”.

O evento teve como principal objetivo propiciar o encontro entre pesquisadores, notadamente geógrafos, que abordam a contribuição das linguagens artísticas nos estudos sobre as mais diversas formas da fronteira acontecer (não só a política-administrativa, mas a cultural, a midiática, as artísticas, entre as linguagens etc.), com obras e artistas (escritores e artistas plásticos) que tenham a fronteira como temática ou que vivam uma condição de fronteira e apresente isso em sua produção estética.

Este número da Revista Entre-Lugar reúne um conjunto de textos relativos a trabalhos apresentados no referido evento e que foram selecionados pela Comissão Científica para compor esta publicação. Os textos foram organizados segundo os eixos temáticos do evento.

Assim, contemplando o eixo **As Fronteiras entre Arte e Geografia: resistências culturais e a força subversiva das linguagens artísticas na instauração de outras territorialidades possíveis** temos os artigos “O rato de Clarice” de Ana Carolina de Oliveira Marques e Eguimar Felício Chaveiro e “Mário Quintana e a cidade de Porto Alegre/RS: diálogos entre geografia e literatura” de Priscila Viana Alves e Elis de Araújo Miranda.

Ana Carolina e Eguimar tiveram como ponto de partida para o artigo, o conto “Perdoando Deus”, presente na coletânea “Felicidade Clandestina” propondo uma cartografia das emoções ali enunciadas e buscaram revelar, junto a fragmentos da trajetória de vida da escritora Clarice Lispector, o tempo social e o espaço nos quais aterrissam as sensações de paz, revolta, medo, tristeza, aceitação expressadas no texto. Segundo os autores, o conto traduz demandas existenciais que ultrapassam a individualidade da escritora, estendendo-se aos sujeitos e à produção do espaço urbano na contemporaneidade.

Priscila Alves e Elis Miranda, por sua vez, analisam a relação entre Geografia e literatura expressa na obra do poeta Mário Quintana especificamente no livro *A vaca e o hipogrifo* (1983). A imaginação poética de Mario Quintana possui uma característica singular de ligação com o lugar, pois aquela é aperfeiçoada a partir da vivência no/com espaço e com os sujeitos com quem Quintana compartilhava determinados lugares da cidade de Porto Alegre (RS). As autoras concluem que a obra de Mario Quintana é encontro entre literatura e geografia uma vez que sua produção literária foi criada a partir das relações estabelecidas entre o poeta e os lugares e sujeitos da cidade.

No eixo **Geografias, Artes e Educação: intercessores, agenciamentos e derivas** temos três artigos: “Quando a Geografia encontra a arte: a estética do Rio de Janeiro barroco” de autoria de Adriana Carvalho Silva e Elizabeth Martins Garcia Fontes; “A leitura da obra de José J. Veiga e a construção de saberes geográficos no ensino fundamental” de Alex Tristão



de Santana Tatielle e Esteves de Araújo Tristão e “O ensino de Geografia na relação entre cinema e questão ambiental” de Thiago Albano de Sousa Pimenta.

No primeiro texto deste eixo, Adriana Carvalho e Elizabeth Fontes apresentam uma etapa do projeto *Caminhos Geoliterários: antigos e novos olhares que se encontram* que pretende investigar e analisar a estética do Rio de Janeiro barroco. O projeto busca refletir com alunos de Ensino Médio as representações da cidade do Rio de Janeiro tomando como referência os escritores literários e eles próprios, considerando a interação espaço real e ficcional a partir de leituras e trabalhos de campo nos percursos *geoliterários* inspirados nos espaços ficcionais das obras selecionadas.

No texto “A leitura da obra de José J. Veiga e a construção de saberes geográficos no ensino fundamental” Alex Tristão de Santana Tatielle e Esteves de Araújo Tristão procuram interpretar a relação entre Geografia e Literatura, através da análise da leitura geográfica que os alunos do Ensino Fundamental do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicados à Educação, da Universidade Federal do Goiás (CEPAE/UFG), realizaram do conto “A Máquina Extraviada”, de José J. Veiga. Analisar a leitura geográfica que os alunos fizeram do conto permitiu entender a complexidade do processo de apropriação dos textos e dos discursos.

Em “O ensino de Geografia na relação entre cinema e questão ambiental” Thiago Albano de Sousa Pimenta realiza um exercício de releitura de seu trabalho de dissertação de mestrado intitulado “Imagem e Linguagem Geográfica: A Questão Ambiental no Cinema Atual” buscando agenciar dele aspectos que permitem pensar o ensino de Geografia. Para o autor, pensar a questão ambiental no âmbito do ensino de Geografia é refletir sobre como podemos criar estratégias para que de fato haja espaço de pensamento e criatividade em sala de aula, o que potencializa geografias e ecologias da cotidianidade.

O eixo **Geografias do Mundo Babelico: as tensões e potencialidades dos lugares a reverberarem nas linguagens literárias para além do regionalismo** compõe-se de três textos: “Do chão do sertão ao coração do poeta: a identidade piauiense na poesia da Lira Sertaneja de Hermínio Castelo Branco” de autoria de Elisabeth Mary de Carvalho Baptista; “O desabrochar da estética modernista em Mário de Andrade” de Tânia Cristina Amaral e “Melancolias espaciais em O suicida de Lobivar Matos” escrito por João Carlos Nunes Ibanhez.

O artigo de Elisabeth Mary de Carvalho Baptista tem como objetivo analisar a poesia de Hermínio Castelo Branco abordando a dimensão da identidade a partir do expresso em três de seus poemas da obra “Lira Sertaneja”, publicadas pela primeira vez em 1881, intitulados “Em Viagem ao Amazonas”, “À Margem do Rio Negro” e “Canto do Desterrado”. A análise dos poemas possibilitou reconhecer a conexão identitária de seu autor com o espaço presente em sua narrativa poética, no caso o Piauí. Os poemas analisados são exemplos desta relação de identidade com o espaço/território/ lugar que possibilitou a identificação de múltiplas identidades: cultural, espacial e territorial.

Tania Cristina Amaral debruça-se nos estudos da representação da cidade de São Paulo no viés poético e geográfico, quando correlaciona a vida e morte do poeta ao processo de urbanização da cidade de São Paulo. Esse contexto é revelado através dos poemas que perpetuam o amor visceral entre a cidade e Mário, o qual a elege como tema principal. As

cortinas se abrem e, segundo o olhar imagético do poeta, a leitura sobre o arranjo espacial da cidade é concluída.

O texto de João Carlos Nunes Ibanhez aborda a poesia “O suicida” de Lobivar Matos, compondo um quadro de ideias sobre sentidos espaciais. Em sua análise pretende responder duas questões nucleares: Como pode o poema que trata tanto de traços íntimos e escalas externas, dialogar com a Geografia de cunho científico? Quais são as topografias adversas que levam o sujeito a renegar o espaço e consequentemente a vida?

No eixo **O que pode um corpo artístico: os sentidos espaciais no encontro com as obras de arte imagéticas** temos os artigos “O corpo em circunstância: uma compreensão fenomenológica da nudez nas performances de Regina José” de Stephanie Ares Maldonado e Eduardo Marandola Junior e “Geografias de *a Hard Day’s Night*: espacializando os Beatles” de Jucimara Pagnozi Voltareli e Cláudio Benito O. Ferraz.

O texto de Stephanie Ares Maldonado e Eduardo Marandola Junior aborda as performances de Regina José Galindo destacando que a importância de sua obra emerge quando a artista concretiza suas percepções, fazendo da nudez artística o meio mais poderoso de criação de novos sentidos, apontando caminhos distintos para as relações humanas, sendo arte no mundo, uma potência criativa autêntica e emancipadora em si.

Jucimara Pagnozi Voltareli e Cláudio Benito O. Ferraz abordam o filme *A Hard Day’s Night* (1964) para pensar o cinema como uma potência de significações à linguagem geográfica. Com as análises de alguns frames do filme, discutem o sentido de sua composição a partir dos processos de subjetivação capitalista, os quais territorializam formas de expressar, agir, pensar e desejar, que delimitam a força espacial da vida na sociedade atual, os quais reverberam nos referenciais de localização e orientação dos jovens no mundo a partir do lugar em que se encontram.

Além dos artigos, este número traz uma entrevista com a Profa. Dra. Verónica Hollman, investigadora adjunta do CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas/Argentina) com sede de trabalho no Instituto de Geografía “Romualdo Ardissonne”, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires que proferiu a conferência “Imagem (da), (na), (como) fronteira” no encerramento do III Simpósio Internacional/IV Simpósio Nacional Geografia, Literatura e Arte (SIGEOLITERART). Nesta entrevista, Verónica fala sobre sua trajetória intelectual, sobre a Geografia brasileira e argentina, sobre as relações entre imagens e conhecimento geográficos, entre outras questões.

Finalizando este número, temos a resenha do provocador livro *Semilla de Crápula: consejos para los educadores que quieran cultivarla* de Fernand Deligny elaborada por Cláudio Benito O. Ferraz

Agradecemos aos autores que contribuíram para este número.

Aos leitores, desejamos que desfrutem!

Flaviana Gasparotti Nunes

Organizadora deste Número